

A lenda [eu também sou uma bixa intelectual como minha amiga Marcel Couto]

Tulio Sousa Costa¹

¹ Tulio Sousa Costa

Herculândia/SP, 1991. Vive e trabalha em São Paulo/SP.

Bixa-trapeira-colecionadora; artista-etc; escreve ensaios e esboça críticas no instagram @tulissimo. Mestrando em Artes Visuais pelo PPG Artes – IA UNESP, com especialização em Fundamentos da Cultura e das Artes pela mesma instituição. É bacharel em Design de Moda pela Universidade Estadual de Londrina/PR com graduação sanduíche na Universidade do Minho pelo programa Ciência Sem Fronteiras. Em sua pesquisa investiga a escrita de si por meio da experiência do corpo em deslocamento nos espaços urbanos e pelo colecionar afetivo de resquícios encontrados nos trajetos. Profissionalmente atua com produção editorial desde 2018.

Contato: tulio.costa@unesp.br

“Como (ou por que) você transformou sua prática artística em pesquisa acadêmica?”

Por narcisismo. Essa foi a primeira resposta que eu pensei para essa pergunta... No entanto, aprofundando esse questionamento, notei que estava sendo injusto comigo mesmo e com os antepassados que me trouxeram aqui. Além disso, não dizemos coisas do tipo “egocêntrico” de outras escritas hegemônicas que estão aí vigentes. A arrogância foi o peso que me deram para sobreviver. Minha avó sonhou. Sonhou que eu era um professor entrando numa universidade de terno e valise na mão. Minha avó tinha o sonho de ser professora ou dançarina. Estudou até a quarta série e trabalhou na roça. A educação em casa sempre foi uma exigência (quase que para fazer jus a todos os outros que não tiveram essa oportunidade), e com muito rigor. Minha mãe engravidou precocemente (de mim) e interrompeu os estudos por alguns momentos, mas retomou, se profissionalizou, se graduou e se pós-graduou. O desejo pela experiência do conhecimento atrelado a uma ânsia de viver melhor. Mestrado e doutorado eram coisas faladas em casa desde pequeno, sem que eu nem soubesse o que isso significava (e arriscaria dizer que minha mãe também não, pelo menos não na sua completude, mas imaginávamos). Eu quero ser uma bixa intelectual como minha amiga Marcel Couto. E fico feliz de estar numa turma de mestrado que tenha tantas colegas bixas (e aqui uso “bixa” com essa grafia mesmo e num sentido bastante amplo do termo, mas que deixarei subentendido). Nós vencemos. Esta é a sensação que eu tenho. Nesse desejo de ser uma bixa intelectual, estudando pra caralho, comendo marmitta pra fazer cursos profissionalizantes e pré-vestibulares, circulando em cidades outras desde os 12 anos, conhecendo pessoas, andando quilômetros a pé, sozinha, com esse corpo bixa desbravando uma provinciana cidade Tupã, pressentindo que algo aconteceria. Tinha que acontecer. Eu sonhei! Estar num curso de mestrado em que mais da metade da galera é bixa me faz vislumbrar que vencemos porque não estamos mais sós. Ou melhor, eu não estou mais só como estive em grande parte da minha infância e adolescência. Continuo cansada, mas agora minimamente mais pertencente. Essa estratégia antiga das bixas de se pautarem na educação/formação/intelectualidade/conhecimento

como uma forma de resistência fode com nossas cabeças, mas também nos articula. Para mim, é uma honra estar em São Paulo e ver que existe um corpo intelectual de sapos-trans-bixas-travestis. Nós vencemos. Mesmo fudidas. Nós vencemos e não nos dirão o contrário. Me faz pensar no meu tio-avô, aliás, na minha tia-avó travesti que decidiu viver seus instintos no interior de São Paulo e em por que não me contaram sua história com nitidez. Por que não sei nada de sua experiência travesti de beira de estrada, morta pela SIDA(!?), que era o grande pesadelo de qualquer mãe de criança viada dos anos 2000 no interior de São Paulo? Por sorte, o endocrinologista disse: vocês vão precisar amá-lo mais do que nunca! Como não lembrar dos meus outros tios-avôs andarilhos, alcoolistas, nômades, caminhantes, alguns que conheci e que deram tanto trabalho para Juenir Mendes, minha avó materna, que cuidou de todos com tanto carinho... são memórias da fome e da severidade com que seu pai os tratava, relatadas por meu avô José Antônio. Ou dos meus tios esquizo-depressivos-suicidas-neurodebilitados... Meu Deus! Eu olho tanto para o meu futuro, mas eu sou todo o meu passado. Envolto em tudo isso, me configuro essa bixa-trapeira-colecionadora. Minha vida-pesquisa, que me tira o sono, que me faz escrever esses textos de despedida. Eu sou muito mais passado que futuro. É isso o que me motiva a pensar, ou melhor, a transformar a minha pesquisa em escrita acadêmica [mas nem tanto, mas não só]. Escrever um relato de uma vida ordinária que, a priori, já está fadada ao esquecimento, mas cujo rastro pretendo deixar na história, que seja por uma nota de rodapé numa dissertação de mestrado que poucos lerão ou como objeto de pesquisa para outros trabalhos, como já o fizeram. Isso se deu, basicamente, porque precisava transformar toda uma experiência de vida em ganha-pão. Porque precisamos comer (e BEM!) para pensar e agir. Como “mercantilizar” um saber, uma experiência, que não é necessariamente uma matéria ou uma técnica? Eu também sou uma bixa intelectual e talvez a ficção (e a escrita) seja o lugar possível para pensar essa imaterialidade. Seja pelo meu guarda-roupa, seja por estar de vestido e batom sobre uma bicicleta no centro de São Paulo dizendo que esse é o meu trabalho mais importante. Porque é. Quem sabe um dia eu consiga juntar tudo isso e ensinar

alguma coisa para além da minha própria existência. E que pretensão chata essa de querer ensinar alguma coisa... não tem isso de função! É que é difícil só passar... só seguir... só morrer pra gente como a gente. É possível? Ou talvez essa seja uma ilusão autobiográfica e eu seja mais eficiente (para não dizer importante) trabalhando como agente administrativo numa editora... por que não? Também? Ou talvez eu seja essa poeta que se utiliza de desperdícios para narrar imagens de uma imagem bixa tão corriqueira: aquela que consegue estudar, se formar e fugir do interior do Brasil para tentar uma vida um pouco mais autônoma em São Paulo capital... Quantas como essa vocês não conhecem, ou talvez até mesmo seja? Eu sonhei. Nós sonhamos. Lembrando que tudo isso custa. Então quando penso em transformar a minha vida-pesquisa (por mais banal que seja) em pesquisa acadêmica, eu vislumbro também poder continuar sentindo tecidos naturais no meu corpo, tomando meus cafés da manhã e, por que não, convidando outrem para se sentar à mesa. Não me interessa mais comer sozinho, gosto de cozinhar em quantidade. Fatura. Abundância. Como na despensa do meu avô. São muitos interesses. A memória que me vem à cabeça é de minha avó Maria, baiana, chegando em casa com um colchão de solteiro na cabeça que ela comprou de presente para mim (e que provavelmente demorariam para entregar e ela decidiu entregar por conta). Ou aquele saco gigante de cocos frescos que ela me deu e era maior do que eu poderia carregar na bicicleta, o que me fez ser mordido pelos cachorros de sua vizinha. Eu gritei por socorro aquele dia, naquela rua deserta do bairro Bandeirantes em Herculândia. São imagens de amor. São imagens de beleza. Aquele cuscuz adocicado na casa da vó Maria é a escrita de um lugar que habitei tão raro. Sem contar a minha avó Juenir Mendes gritando: PEDALA, PEDALA, PEDALA! Enquanto me jogava no abismo do chão de terra para que eu aprendesse a ser livre. Ou me ameaçando, com uma vara na mão, para subir na jabuticabeira em vez de ficar chorando embaixo enquanto meus primos se divertiam em cima. Ela é professora. Foi aniversário dela dia 6 agora. Eu a amo e ela a mim. Incondicionalmente. Talvez ela me ame ainda mais, muito mais... muito muito muito mais. Mas eu a amo muito muito muito também. Paixão da minha vida. Quando eu fui aprovado no mestrado, ela me disse: "Agora você está mais per-

to do que longe”. Talvez seja a minha epígrafe, ou o título da minha exposição de formatura. Com isso em mente, a resposta para a sua pergunta talvez seja: porque nós sonhamos e vencemos.

[Para Juenir Mendes da Silva e Sousa, minha avó]